

RESUMO - HELMINTOLOGIA

OCORRÊNCIA DE HELMINTOS E AVALIAÇÃO DE EFICÁCIA DA DORAMECTINA EM MUARES E ASININOS NO NORTE DO PARANÁ

Maria Luiza Vieira Martinez (maluvmartinezz@gmail.com)

Any Caroline De Oliveira (anycaroline333@gmail.com)

Luma Costa Stringuetti (lumastringuetti26@gmail.com)

Julia De Oliveira Silva (juholiveiraa181@gmail.com)

Luciane Holsback (lhsfertonani@uenp.edu.br)

O Brasil possui cerca de 6,8 milhões de equídeos, sendo aproximadamente 5,8 milhões de equinos e cerca de 990 mil asininos e muares. O manejo inadequado favorece enfermidades, destacando-se as parasitoses gastrointestinais. Dados sobre a ocorrência e eficácia dos anti-helmínticos em asininos e muares ainda são escassos no Brasil. Este estudo avaliou a eficácia anti-helmíntica e a ocorrência de helmintos em uma propriedade no norte do Paraná. Amostras fecais de 23 muares e 3 asininos foram analisadas pelas técnicas de Gordon & Whitlock, para quantificação de ovos e coprocultura para identificação dos gêneros de estrongilídeos. A técnica de Baermann modificada foi empregada para detecção de larvas de *Dictyocaulus arnfieldi*. O teste de eficácia da doramectina foi realizado após randomização dos 26 animais,

formando-se: G1, oito animais não tratados, com média de OPG 1.812; G2, nove animais tratados com doramectina injetável (Dectomax 1%® – 20 mL via oral - manejo utilizado pelo proprietário), com média de OPG 1.333; e G3, nove animais tratados com doramectina oral (Doraequi plus®), na dose de 200 mcg/Kg, com média de OPG 1.728. A RCOF foi determinada 14 dias após os tratamentos. A média geral de OPG foi 1.513,5 (0 a 5.800), sendo 1.500 OPG de estrogilídeos, identificados como ciatostomíneos (100%), e 13,5 OPG de *Strongyloides westeri*. A média do OPG dos muares (1.706,5) foi maior ($p=0,0092$) que dos asininos (33,3). Não foram detectadas larvas de *D. arnfield*. No teste de eficácia, o G2 apresentou redução de 21,7%, com 100% de eficácia para *S. westeri*. O G3 apresentou redução de 14,4%. Não houve diminuição significativa do OPG após os tratamentos ($p= 0,152-0,158$) e a RCOF não diferiu entre os grupos tratados ($p= 0,684-0,699$). As doses administradas no G2 variaram de 0,545 a 1,449 mcg/Kg, correspondendo a 2,7 a 7,25 vezes a dose recomendada (0,200 mcg/Kg). Conclui-se que houve elevada carga parasitária por ciatostomíneos associada à baixa eficácia da doramectina. Os resultados indicam falha no controle antiparasitário, possivelmente relacionada ao uso inadequado do fármaco, incluindo administração de formulação injetável por via oral e em superdosagem. Por outro lado, a doramectina demonstrou eficácia contra *S. westeri*, com 100% de redução (RCOF), mesmo nas condições de uso inadequado. A diferença observada na carga parasitária entre asininos e muares abre perspectivas para estudos comparativos de maior escala, porém a baixa amostragem de asininos limita a representatividade estatística e, conseqüentemente, a confiabilidade dos dados para extrapolações epidemiológicas.

Palavras-chave: ciatostomíneos; coprocultura; helmintoses; *strongyloides westeri*; rcof.